

Europa 1914-1918

- a Guerra de movimento na Bélgica e no norte de França, 1914
- b Combates na Argonne, 1915
- c Guerra de posição no Alto Vosgues, 1916
- d Guerra de movimento na Romênia, 1916-1917
- e Combate no sudeste dos Cárpatos, 1917
- f A Ofensiva Tolmeitn, 1917
- g Perseguição nos vales dos rios Tagliamento e Piave, 1917-1918

## INTRODUÇÃO

não se deixa abalar visivelmente e continua a desempenhar as suas tarefas com a mesma dedicação. Semanas mais tarde, em Longarone, quando o seu comando é desfeito por fogo de metralhadora amigo num combate noturno, a confusão se instala e tudo parece perdido, o próprio Rommel a um passo de ser capturado, consegue manter a calma e inverter a situação em meia dúzia de horas, capturando por sua vez todo o comando italiano e ganhando então o reconhecimento que anteriormente lhe tinha sido negado.

### Erwin Rommel e o início da Primeira Guerra Mundial

Erwin Johannes Eugen Rommel nasceu em Heidenheim, no então Reino de Württemberg, no sudoeste da Alemanha, em 15 de novembro de 1891. Aquele que mais tarde ficou conhecido como a “Raposa do Deserto”, devido às suas vitórias no Norte de África, à frente do *Afrikakorps*, na Segunda Guerra Mundial, vinha de uma família de classe média e com pouca tradição militar - o seu pai era professor de matemática, embora tivesse servido como oficial de artilharia durante a Guerra Franco-Prussiana de 1870-71.

Demonstrando desde cedo grande engenho – com uns meros 14 anos, com a ajuda de um amigo, constrói e põe a voar um planador – o jovem Erwin pretendia ser engenheiro. O seu pai, no entanto, enviou-o para o exército, no qual ingressa em julho de 1910. Em 1912, Rommel obtém a patente de *Leutnant* (Alferes) e junta-se ao Regimento de Infantaria 124 (6º de Württemberg), no qual ainda se encontrava quando estalou a guerra, dois anos mais tarde.

Rommel toma parte nos combates na Frente Ocidental desde os primeiros dias da guerra. As primeiras páginas de *Ataques de Infantaria* estão repletas de um entusiasmo quase juvenil e retratam um mundo em extinção, que encontra rapidamente o seu fim com as realidades da guerra e a morte de tantos camaradas.

No final de agosto de 1914, Rommel participa na Batalha das Ardenas, na qual o exército francês é completamente derrotado. Rommel e a sua unidade participam em seguida no ataque contra Verdun, o qual tem

## ATAQUES DE INFANTARIA

de ser abandonado após a derrota alemã na Batalha do Marne, no início de setembro de 1914. Os alemães retiram-se então para uma linha mais curta, assente no rio Aisne. A 27ª divisão, na qual Rommel presta serviço nos primeiros anos da guerra, é encaminhada para a floresta da Argonne, onde Rommel é ferido com gravidade no final de setembro de 1914.

Regressa à frente apenas em janeiro do ano seguinte, condecorado com a Cruz de Ferro de 2ª classe. Nessa altura, assume o comando de uma companhia de infantaria, num local não muito distante de onde terá sofrido o seu ferimento. Com efeito, a Frente Ocidental tinha entrado na sua fase de Guerra de Trincheiras e as linhas dos combatentes iriam permanecer praticamente no mesmo local durante os quatro anos seguintes. A 27ª Divisão ficará praticamente todo o ano de 1915 guarnecendo um setor na Argonne, o qual - apesar de o leitor poder não ficar com essa impressão ao ler a narrativa - era um dos setores menos agitados de toda a Frente Ocidental.

Ao longo de 1915, Rommel vai fazendo a sua formação como líder: sempre enérgico, disposto a partilhar as privações com os seus subordinados, sempre responsável, diligente e, como demonstra o notável relato da ação de 29 de janeiro de 1915, um combatente extremamente agressivo.

Os continuados sucessos no comando das suas unidades valem-lhe, se não o comando definitivo de uma companhia de infantaria, como Rommel lamenta, uma nova condecoração e, no final da sua permanência na Argonne, a sua promoção a *Oberleutnant* (Tenente) e a transferência para o recém-criado Batalhão de Montanha de Württemberg.

Do final de 1915 em diante, Rommel serviu no Batalhão de Montanha de Württemberg. Esta era uma unidade de potência excepcional, formada devido à escassez de tropas especialistas de montanha, e que se pretendia que constituísse a elite do exército de Württemberg. Composta por cerca de 1.800 homens e, como tal, de dimensão superior à de um batalhão normal, o Batalhão de Montanha de Württemberg estava inicialmente dividido em 6 companhias de montanha e 6 pelotões de metralhadoras. Estes eram combinados de forma variável, conforme as missões a desempenhar, em vários *Abteilung* (que aqui traduzimos por Destacamento). Tal proporcionava unidades bastante flexíveis e potentes, de certo modo percursoras dos famosos *Kampfgruppen* da Segunda Guerra Mundial.

Não vimos inimigo algum durante o nosso reconhecimento, pese embora ele continuasse com o seu habitual fogo de atordoamento contra as nossas posições. A julgar pelo fogo das suas armas, estava a uns cem a cento e cinquenta metros de distância, do outro lado do vale. Decidi transformar o abrigo num ponto forte avançado e começámos a trabalhar nesse sentido nessa mesma tarde. Daquela posição até conseguíamos ouvir os franceses falar do outro lado. Acreditei não ser prudente enviar qualquer batedor mais à frente, pois teriam muita dificuldade em avançar através da densa vegetação, sem serem observados e, provavelmente, seriam atingidos antes de obter qualquer informação valiosa.

### *Ataque de 29 de janeiro de 1915*

De modo a fixar tantas tropas inimigas quanto possível na Argonne, foram ordenados alguns ataques de diversão para o dia 29 de janeiro de 1915, nos quais todos os regimentos da 27ª Divisão iriam tomar parte. Após a demolição de uma galeria subterrânea francesa, que tínhamos descoberto, o nosso regimento iria levar a cabo um forte raide no setor do 2º Batalhão, à direita. Enquanto tal raide decorresse, a nossa artilharia iria abrir fogo e imobilizar o inimigo no setor do 3º Batalhão, em frente à 10ª Companhia, do lado direito, e da 9ª Companhia, do lado esquerdo. Para este fim estaria disponível uma bateria de obuses do 49º Regimento de Artilharia, a qual tinha terminado o seu registo de alvos nos dias 27 e 28 de janeiro. Embora a 10ª Companhia fosse avançar a partir das suas posições durante a operação, a 9ª Companhia não deveria avançar, sendo sua missão cortar todas as tentativas inimigas de escapar para o flanco.

O dia 29 de janeiro amanheceu frio, com o solo congelado. No início da operação, avancei até ao nosso novo ponto de apoio, na frente, com três secções de infantaria. Estávamos cerca de cem metros à frente das nossas posições e ouvíamos os nossos próprios projéteis a passar por cima, alguns atingindo as árvores, outros caindo atrás de nós. Nessa altura rebentou a galeria subterrânea e então choveram paus, terra e pedras. Seguiram-se rebentamentos de granadas de mão e um vivo fogo de armas ligeiras. Um francês correu até à nossa posição e foi abatido.

Alguns minutos mais tarde, o ajudante do 3º Batalhão visitou-nos. Disse que o ataque do lado direito prosseguia bem e que o comandante do

## ATAQUES DE INFANTARIA

batalhão queria saber se a 9ª Companhia gostaria de se juntar à festa. Certamente que queríamos! Tudo era melhor do que ficar nestas trincheiras a procurar abrigo a toda a hora.

Percebi que não poderia conduzir a minha companhia para fora das trincheiras em formação de combate, pois a artilharia e as metralhadoras inimigas tinham a nossa mira e qualquer avanço da nossa parte seria relatado pelos seus observadores nas copas das árvores. Para evitar esta situação, ordenei aos meus homens que rastejassem até uma trincheira, que se estendia até à linha da frente, desde a nossa direita. Depois de terem chegado ao fim do trilho, dispuseram-se do lado esquerdo e, quinze minutos mais tarde, a companhia estava reunida numa área oitenta metros à frente da nossa posição, no declive que conduzia ao inimigo.

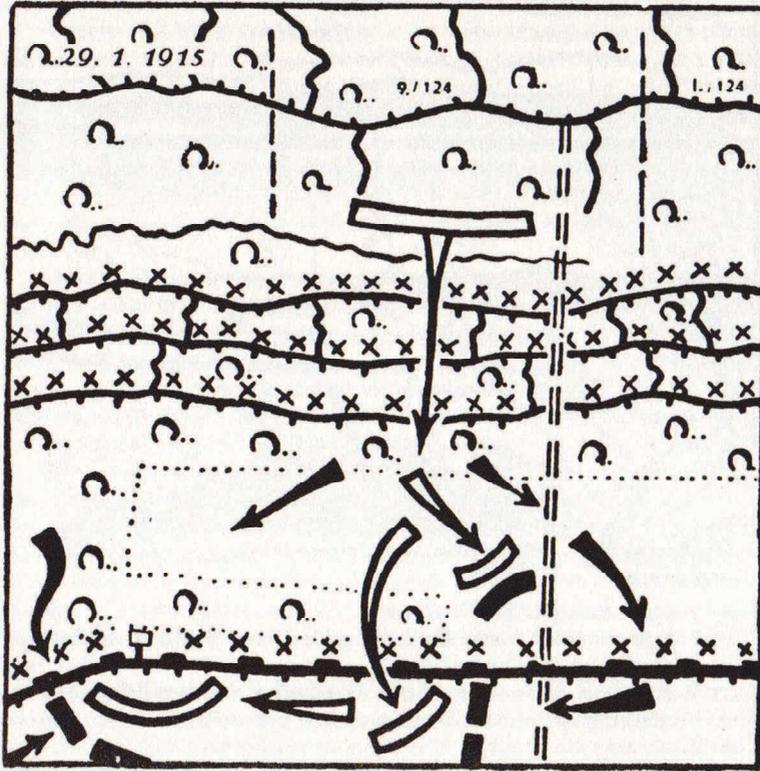
Com cuidado, rastejámos pela vegetação rasteira na direção do inimigo. Mas, antes que pudéssemos alcançar a depressão, este abriu fogo sobre nós com fogo de espingarda e metralhadora, detendo-nos. Não havia cobertura; ouvíamos as balas a atingir o solo gelado. Mais à frente, uns quantos carvalhos abrigavam uma mão cheia dos meus homens. Não consegui ver o inimigo, nem com binóculos. Sabia que ficar onde estávamos nos iria custar muitas baixas, pois embora o fogo inimigo não fosse preciso, era muito volumoso.

Dei a volta à cabeça para encontrar modo de sair deste enredo sem sofrer baixas pesadas. É nestas alturas que a responsabilidade pelo bem-estar ou pela desgraça dos nossos comandados pesa toneladas na consciência de um comandante.

Tinha acabado de decidir avançar até à depressão cinquenta metros à nossa frente, uma vez que nos oferecia mais alguma proteção do que o sítio onde estávamos, quando ouvimos o sinal de ataque sendo dado ao longe, à direita. O meu corneteiro estava junto a mim e fi-lo soar o toque de carga.

Apesar do intenso volume de fogo que nos era dirigido, a 9ª Companhia pôs-se de pé e, gritando encorajamento, lançou-se para a frente. Atravessámos a depressão e alcançámos o arame farpado francês. Nesta altura vimos o inimigo a abandonar apressadamente a sua forte posição. Calças vermelhas brilhavam pela vegetação, casacos azuis voavam. Totalmente desinteressados nos despojos deixados nas posições abandonadas,

fomos em sua perseguição. Mantendo-nos perto do inimigo, conseguimos esmagar outras duas linhas defensivas que tinham sido bem fortificadas com arame farpado. O inimigo fugia à nossa frente em cada nova posição, antes que pudéssemos chegar perto dele. Dando testemunho da sua fraca resistência, não sofremos quaisquer baixas (Ilustração 11).



*Ilustração 11 - Ataque contra a posição "Central", 29 de janeiro de 2015*

Passámos uma elevação e os bosques começaram a ficar menos densos. Podíamos ver o inimigo a correr à nossa frente numa massa densa, pelo que o perseguimos, disparando à medida que avançávamos. Alguns elementos da companhia limpavam os abrigos, enquanto os restantes continuaram a avançar até chegar à orla da floresta, quinhentos metros a oeste

## ATAQUES DE INFANTARIA

de Fontaine-aux-Charmes. Aqui estávamos setecentos metros a sul das nossas posições iniciais. Agora o terreno descia outra vez; o inimigo em fuga tinha desaparecido na vegetação rasteira. Perdemos contacto em ambos os flancos e, tanto atrás de nós, como nos dois flancos, ouvíamos os sons de vivo combate. Reuni a companhia e ocupei a orla do bosque a oeste de Fontaine-aux-Charmes, tentando depois restabelecer contacto com as unidades adjacentes. Houve uma gargalhada geral quando um soldado trouxe algumas peças de *lingerie* feminina de um dos abrigos.

Uma companhia de reserva reforçou-nos e, depois de lhe dar a tarefa de restabelecer o contacto, avançámos colina abaixo, para sudoeste, através da vegetação rasteira deste setor, no qual as árvores tinham sido quase todas cortadas. A minha unidade avançava numa coluna, atrás de fortes elementos de segurança. Tínhamos acabado de atravessar uma depressão quando um fogo vivo, proveniente da nossa esquerda, nos forçou ao chão. Não conseguíamos ver o inimigo. De modo a manter a nossa velocidade, desviámo-nos para oeste, rodeámos o fogo inimigo e retomámos o nosso avanço para sul, através de bosques pouco densos.

No limite superior destes bosques encontrámos, subitamente, uma rede de arame farpado, a qual tinha uma dimensão que nunca antes tínhamos encontrado. Com oitenta a cem metros de profundidade, estendia-se para ambos os flancos até tão longe quanto nos era possível observar. Os franceses também tinham derrubado toda a floresta nesta faixa.

Do outro lado deste obstáculo, que se encontrava numa encosta de declive suave, podia ver três dos meus homens acenando – um deles era o soldado Matt, o mais jovem dos nossos voluntários – de modo que parecia claro que o inimigo ainda não tinha ocupado esta forte posição. Pensei que a captura e defesa desta posição até que chegassem reforços seria uma ação importante e valiosa.

Tentei avançar através do estreito caminho que se dirigia através do arame farpado, mas fogo inimigo, a partir do lado esquerdo, obrigou-me a procurar abrigo. O inimigo estava a uns trezentos a quatrocentos metros de distância e certamente não me conseguia ver, dada a densidade do arame, mas ricocheteavam balas à minha volta enquanto rastejava pela posição. Ordenei à companhia que me seguisse, mas o comandante do meu pelotão da frente perdeu a coragem e deixou-se ficar, no que foi imitado

pelo resto da companhia, que se abrigou atrás do arame. Não consegui que se movessem nem gritando nem gesticulando.

Esta posição, construída como uma fortificação, não podia ser defendida só por três homens; era necessário que toda a companhia me seguisse. Correndo para oeste, encontrei outra passagem através dos obstáculos; regresssei, rastejando, até onde a companhia estava, onde informei o comandante do meu pelotão dianteiro que podia obedecer às minhas ordens ou ser abatido ali mesmo. Ele escolheu a primeira hipótese e, apesar de intenso fogo de armas ligeiras vindo da esquerda, todos rastejámos pelo obstáculo e chegámos à posição construída pelo inimigo.

Para defender a posição, fiz a minha companhia alinhar num semi-círculo e entrincheirar-se. A posição chamava-se “Central” e estava construída de acordo com as regras mais modernas. Fazia parte do sistema defensivo que atravessava a Argonne e incluía fortes blocausses, distantes cinquenta metros entre si, a partir dos quais os franceses podiam proteger as suas extensas redes de arame farpado com fogo de metralhadora, tanto frontal como de flanco.

Estes blocausses estavam ligados por uma linha de parapeitos, estando tão elevados que o fogo do parapeito podia alcançar qualquer parte da rede de arame farpado que estivesse ao alcance. Este parapeito estava separado do arame farpado por uma vala com cinco metros de largura, coberta com água, que, nesta altura do ano, tinha congelado. Existiam profundos abrigos por trás da linha de parapeitos e uma estrada estreita percorria-a, a uns dez metros dela. A altura da muralha onde estavam os parapeitos era tal que escondia quaisquer veículos que estivessem a usar a estrada.

Éramos sujeitos a fogo de armas ligeiras considerável a partir da esquerda, mas, do lado direito, as fortificações inimigas pareciam estar desocupadas. Cerca das 09.00 horas escrevi a seguinte mensagem para o comando do meu batalhão:

“A 9ª Companhia ocupou várias fortificações francesas quilómetro e meio a sul da linha de partida. Defendemos uma secção que atravessa a floresta. Peço apoio imediato e reabastecimento de munições de metralhadora e granadas de mão.”

Entretanto, as tropas tentavam escavar no solo congelado com as suas pás, mas só conseguiram fazer algum progresso quando usavam picaretas

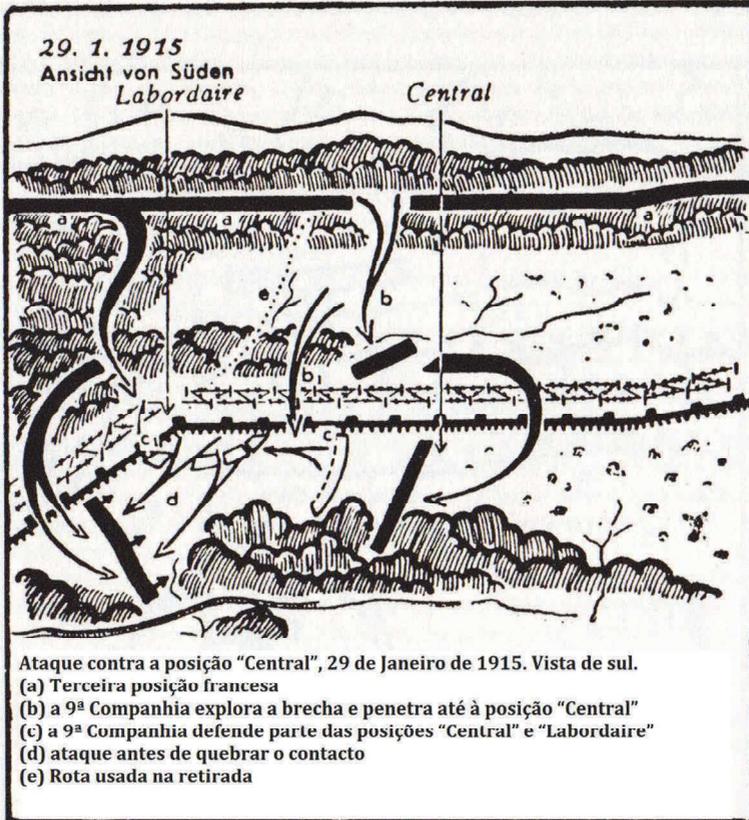
## ATAQUES DE INFANTARIA

e enxadas. Já estávamos a trabalhar há meia hora quando o posto avançado no flanco esquerdo nos informou que o inimigo se estava a retirar através do arame farpado, cerca de seiscentos metros a leste, numa densa coluna.

Ordenei a um pelotão que disparasse. Parte do inimigo procurou abrigo, mas outros, que ainda estavam a norte do obstáculo, viraram mais para leste e, aparentemente, alcançaram a estrada coberta que passava por trás das fortificações, pois pouco depois de termos aberto fogo fomos atacados a partir daquela direção.

Uma vez que as nossas tentativas para nos entrincheirmos não estavam a dar grande resultado, procurei outro sítio para dispor a companhia. Duzentos metros para a direita havia uma curva na posição inimiga, a qual seria um excelente sítio para estabelecer uma posição defensiva, se realmente quiséssemos manter a nossa testa-de-ponte nas fortificações inimigas. A companhia combateu até esta nova posição, chamada “Labordaire”, onde rapidamente improvisámos defesas com muitos dos troncos de árvore que ali estavam espalhados. Dali abrimos fogo intenso, independente, sobre a força inimiga à direita e detivemo-la a cerca de trezentos metros de distância. O inimigo decidiu entrincheirar-se naquela posição e, pouco depois, o seu fogo abrandou, até cessar na totalidade.

A minha testa-de-ponte incluía quatro blocausses, estando a minha companhia disposta em semicírculo, com um pelotão de cinquenta homens oculto, em reserva, entre a rede de arame farpado e a fortificação. Nesta zona havia outra passagem que zigzagueava pelo campo onde estava a rede de arame farpado. O tempo passava e começávamos a ficar ansiosos acerca dos nossos reforços e abastecimentos. Subitamente, novas informações, provenientes da direita, indicavam que mais franceses retiravam através do arame farpado, a cerca de cinquenta metros das nossas posições. O comandante do pelotão queria saber se devia abrir fogo. Que outra coisa podíamos fazer? Em breve iríamos entrar numa luta muito feia, e não valia a pena permitir aos franceses que a comessem sem sofrer baixas. Se disparássemos imediatamente, os franceses virariam para oeste e entrariam na posição fortificada pela passagem seguinte. Também era possível que cortassem a nossa linha de comunicações e nos isolassem. Abri fogo (Ilustração 12).



*Ilustração 12 - Ataque contra a posição "Central", 29 de janeiro de 1915*

Atingimos o inimigo que se aproximava com fogo rápido a partir das altas fortificações francesas. Seguiu-se uma luta amarga, na qual os franceses lutaram com bravura. Felizmente, a maior parte do novo inimigo, que estimávamos totalizar um batalhão, virou para oeste, atravessou a rede de arame farpado trezentos metros adiante e voltou-se contra nós, desde oeste, numa frente ampla. O cerco fechava-se à volta da 9ª Companhia, restando apenas uma estreita passagem pelo arame farpado para nos ligar ao nosso batalhão, estando, inclusivamente, essa artéria coberta pelo fogo inimigo proveniente de leste e oeste. À direita, o nosso elevado volume de fogo mantinha o inimigo pregado ao chão, mas os franceses tinham feito

## ATAQUES DE INFANTARIA

progressos e aproximavam-se perigosamente. As munições começavam a escassear, e eu vi-me forçado a tirar ao pelotão de reserva a maioria do seu equipamento. Soldados valentes trouxeram-no até à linha de fogo.

Reduzi o volume de fogo para poder conservar munições tanto tempo quanto possível. O inimigo do lado ocidental continuava a aproximar-se cada vez mais. Que faria eu quando tivesse gasto todas as munições? Ainda tinha esperança que chegasse ajuda do batalhão. Os minutos pareciam uma eternidade!

Travou-se uma dura batalha em volta do blocausse na extrema-direita, tendo nós gasto as nossas últimas granadas na sua defesa.

Poucos minutos depois, por volta das dez e meia, uma secção de assalto francesa conseguiu tomá-la e usou as suas aberturas de fogo para colocar fogo de espingarda e de metralhadora nas nossas costas. Esta informação chegou-me na mesma altura em que uma mensagem do comando do batalhão foi gritada por cima do arame farpado, por um mensageiro: “o batalhão está em posição oitocentos metros a norte deste local e a entrincheirar-se. A companhia de Rommel deve retirar-se; apoio impossível”. A linha da frente pedia mais munições, e as que tínhamos eram suficientes para apenas mais dez minutos.

Era altura de tomar uma decisão! Devíamos quebrar contacto e fugir através da estreita passagem, debaixo de um pesado fogo cruzado? Tal manobra iria custar-nos, no mínimo, cinquenta por cento de perdas. Também podíamos disparar as munições que restavam e depois render-nos, mas tal estava fora de questão. Tinha ainda outra possibilidade: atacar o inimigo, desorganizá-lo, e depois retirar. Estava aí a nossa única hipótese de salvação. Era verdade que o inimigo nos era numericamente muito superior, mas nunca a infantaria francesa tinha resistido a um ataque dos meus soldados. Se o inimigo a oeste fosse posto em retirada, teríamos hipótese de passar por baixo dos obstáculos e preocupar-nos apenas com o fogo, mais distante, do inimigo situado a leste. A velocidade era essencial para o nosso sucesso, pois tínhamos de partir antes que aqueles que iríamos atacar pudessem recuperar do seu choque.

Não perdi tempo a dar a minha ordem de ataque. Todos sabiam como a nossa situação era desesperada e todos estavam decididos a fazer o seu

melhor. O pelotão de reserva avançou para a direita, recapturou a bloqueio que tínhamos perdido e levou tudo à frente com o seu ímpeto. O inimigo pôs-se em fuga. Com os franceses a fugir para oeste, tinha chegado o momento adequado para pôr fim ao combate. Apressámo-nos para leste e ultrapassámos a rede de arame farpado, um de cada vez, tão depressa quanto nos foi possível. Os franceses do lado oriental dispararam sobre nós mas, a trezentos metros de distância, não há muita probabilidade de atingir um alvo que se move rapidamente. Ainda assim, alguns homens foram atingidos. Quando o inimigo do lado ocidental recuperou do seu choque e regressou ao ataque, a maior parte da minha unidade já se encontrava no lado seguro do arame farpado. Para além de cinco homens, gravemente feridos, que não pudemos transportar connosco, a companhia alcançou as posições onde estava o batalhão sem mais incidente.

O batalhão, com a minha companhia à esquerda, estabeleceu-se na densa floresta imediatamente a sul das três posições francesas que capturámos. O 1º Batalhão estava com problemas com o inimigo à sua frente e sem ligação direta com a nossa esquerda, mas conseguimos manter contacto com a sua ala direita através de patrulhas. A minha companhia entrincheirou-se oitenta a cem metros da orla da floresta. Cavar no solo congelado não teve graça era um processo muito moroso.

Até ao momento, a artilharia francesa tinha continuado a dar toda a sua atenção às nossas antigas posições e à nossa retaguarda. Fomos poupados à sua atenção durante o ataque, provavelmente devido à sua má coordenação com a infantaria. Por esta altura tal já tinha sido corrigido, de modo que fomos sujeitos a um muito grande volume de fogo de retaliação. Este bombardeamento interferiu com os nossos esforços de entrincheiramento, pois a orla da floresta recebeu atenção especial. Preparei um relatório completo da ação travada durante a manhã num impresso de mensagem, ao qual juntei um esboço das posições “Central” e “Labordaire”.

Ao final da tarde de 29 de janeiro, depois de uma pesada preparação de artilharia, o inimigo contra-atacou. Grandes quantidades de tropas frescas atacaram pela vegetação, encorajados por toques de corneta e gritos, apenas para dar de caras com o nosso fogo de armas ligeiras: caem, procuram abrigo, disparam! Aqui e ali, um pequeno grupo tenta aproximar-se. Em vão! O nosso fogo defensivo detém o ataque com pesadas

## ATAQUES DE INFANTARIA

baixas. Um grande número de mortos e de feridos fica caído perto das nossas linhas. A coberto da escuridão, os franceses retiraram-se para a orla da floresta, a uns cem metros, e entrincheiram-se.

O fogo da infantaria diminuiu, e nós começámos também a escavar, pois as nossas trincheiras só tinham cinquenta centímetros de profundidade. Antes que conseguíssemos fazer muito mais progresso, projéteis de artilharia francesa começaram a cair sobre nós - granadas revestidas de aço, de design americano. Rebentavam por toda a parte e enviavam fragmentos de metal silvando pela noite de inverno, desfazendo árvores enormes como se fossem fósforos.

As nossas posições não ofereciam cobertura adequada do fogo de perturbação que, com poucas pausas, foi mantido contra nós a noite toda. Enrolados em cobertores, sobretudos e lonas de tenda, tremíamos de frio nas nossas pouco profundas trincheiras. Podia ouvir os homens saltar quando cada nova concentração de fogo nos atingia. Perdemos doze homens durante a noite, mais do que durante todo o ataque realizado nesse dia. Não foi possível trazer comida até à frente.

De madrugada, o fogo da artilharia inimiga diminuiu. Começámos a trabalhar para aprofundar as nossas posições, mas não tivemos muito tempo. Às 08.00 horas o fogo da artilharia forçou-nos a desistir. Este foi seguido por um forte ataque de infantaria, que derrotámos sem grande dificuldade. Os ataques seguintes tiveram todos o mesmo destino. Pela tarde, as nossas posições estavam suficientemente profundas para que nos pudéssemos deixar de preocupar com os efeitos do fogo de artilharia. Não possuíamos trincheiras de comunicação com a retaguarda, pelo que tivemos de esperar pela noite para termos a nossa primeira refeição quente.

*Observações: O ataque de 29 de janeiro de 1915 revelou a superioridade da infantaria alemã. O ataque da 9ª Companhia não podia ter constituído surpresa e torna-se difícil compreender porque perdeu a infantaria francesa a coragem e abandonou uma posição defensiva bem preparada, abundantemente protegida de arame farpado, com três linhas de profundidade e bem equipada com metralhadoras. O inimigo sabia que o ataque estava iminente e tinha tentado deter-nos com um denso fogo de interdição. O facto de sermos capazes de recorrer*

*a ação ofensiva e escapar da posição Labordaire, cercada, é prova mais que suficiente das capacidades de combate das nossas tropas.*

*Foi lamentável que nem o batalhão nem o nosso regimento fossem capazes de explorar o sucesso da 9ª Companhia. Com três batalhões na linha da frente, não tínhamos reservas adequadas disponíveis. Falta de munições para as armas ligeiras e de granadas de mão aumentaram as nossas dificuldades na defesa de Labordaire. Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo que tornaram a nossa situação muito crítica: em primeiro lugar, o inimigo capturou o blocausse da extrema-direita; em segundo lugar, recebemos ordem do batalhão para retirar; em terceiro lugar tínhamos poucas munições; e, finalmente, a nossa via de retirada através do arame farpado estava coberta pelo fogo inimigo. Qualquer decisão que não fosse a que foi tomada teria resultado em enormes baixas, se não na nossa completa destruição. Acima de tudo, era impossível esperar até que caísse a noite, pois bem antes das onze da manhã já teríamos disparado a última bala. Atacar a força inimiga mais fraca, a leste, não traria dividendos, pois o ataque francês mais agressivo vinha do oeste; e atacar para leste forneceria também aos atacantes do lado ocidental uma excelente oportunidade de nos atacar pelas costas. A retirada em Labordaire confirma as instruções no Manual de Serviço: “quebrar contacto com o inimigo tem mais probabilidade de suceder após uma manobra ofensiva bem-sucedida”.*

*Ao fazermos os nossos precipitados preparativos para o ataque, não pensamos em levar connosco as nossas pesadas ferramentas de entrincheiramento. O solo congelado tornou as nossas ferramentas mais ligeiras completamente inúteis. No ataque, a pá é tão importante quanto a espingarda.*

*Embora tivéssemos um melhor campo de tiro a partir da orla da floresta, a nova posição situava-se cem metros no interior dos bosques. Não tínhamos intenção de sujeitar as tropas a uma repetição do que tinha acontecido por ocasião do bombardeamento do bosque de Defuy e, ainda assim, dispúnhamos de um campo de tiro suficientemente bom para repelir os diversos ataques da artilharia francesa com pesadas baixas.*

*As baixas causadas pela artilharia inimiga durante a noite de 29 para 30 de janeiro foram tão pesadas porque as tropas não se entrincheiraram com a profundidade adequada.*